

## Fé e Razão em Alberto Magno

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.  
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em  
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato  
Grosso.

### *Introdução*

Alberto nasceu em Lauingen, na Subáia, em 1206/1207. Enviado pela família a Bolonha, iniciou aí os seus estudos universitários em 1222, mas os continuou em Pádua, onde também ingressou na Ordem Dominicana, em 1223. Irmão Alberto concluiu os seus estudos em Colônia. De 1228 a 1240 lecionou em várias cidades alemãs; nesta última data, porém, dirigiu-se a Paris, onde cursou Teologia e se tornou *Mestre Regente*. Em Paris, conheceu o seu mais ilustre aluno, Tomás de Aquino, a quem levou para Colônia, a fim de ajudá-lo na incumbência de organizar um *Studium Generale*. Foi durante a sua estada em Colônia que Alberto começou os seus trabalhos de comentário a Aristóteles. Em 1254, foi eleito superior da Província da Alemanha. Lutou pela causa dos mendicantes contra Guilherme de S. Amour; passou uma temporada em Florença (1257) e, após retornar a Colônia (1258), elaborou um programa de estudos. Nomeado Bispo por Alexandre IV em 1261, renunciou ao cargo no ano seguinte. Participou de pregações durante as cruzadas em terras germânicas e foi notória a sua participação no *Concílio de Lyon* em 1274. Esteve em Paris pela última vez em 1277. Faleceu em Colônia no ano de 1280. Versado em todas as ciências de sua época, Frei Alberto foi, sem nenhum favor, um dos maiores sábios de todos os tempos.

Nosso texto busca trabalhar as relações entre fé e razão, filosofia e teologia, na obra de Alberto. Antes de tudo, mostrando a autoridade que Alberto conquistou ainda em vida. Por um singular privilégio concedido aos homens do seu tempo, recebeu a honra de ser considerado um *auctor*. Suas obras compunham parte das *lectiones* na universidade; suas ideias transformavam-se em *quaestiones* nas *disputationes*. Veremos, pois, que ele chegou a esta fama sem par em seu tempo, pela inédita distinção que elaborou entre fé e razão, filosofia e teologia, estabelecendo as suas possibilidades e limites. Verificaremos, ademais, que a distinção que cunhou entre filosofia e teologia, levou-o a conceber um duplo

conhecimento da realidade e um duplo conhecimento acerca de Deus. Consideraremos, além disso, como a distinção que desenvolveu entre filosofia e teologia, conduziu-o, pois, a reavaliar o peso das autoridades, distinguindo-as em suas respectivas áreas e relativizando-as. Procuraremos frisar, além do mais, como em ciências naturais, Alberto praticamente renuncia as *auctoritates* em nome da experiência sensível reiterada. Por fim, passaremos às considerações finais sobre o texto.

Passemos à consideração de Alberto, enquanto uma *auctoritas* entre os seus coevos.

### 1. A autoridade de Alberto Magno em vida

A obra de Alberto e a efervescência do século em que viveu chegam a se confundir. Ele destacou-se, sobretudo, por ter distinguido, de forma nitidamente inovadora, a filosofia da teologia.<sup>1</sup> Há quem diga que esta inédita distinção entre as duas ordens do conhecimento empreendida por Alberto, faz dele o fundador da filosofia moderna:

Se a característica do pensamento moderno é a distinção entre o que é demonstrável e o que não é, foi de fato no século XIII que a filosofia moderna foi fundada, e é com Alberto Magno que, limitando a si mesma, ela toma consciência de seu valor e de seus direitos.<sup>2</sup>

Agora bem, na Idade Média, *auctor* era um nome reservado somente àqueles que possuíam as suas próprias ideias, cujas obras eram construídas a partir de *argumenta ab ratione* e não de *argumenta ab auctoritate*. Desta feita, os autores distinguiam-se dos escritores, dos compiladores e dos próprios comentadores. Geralmente, atribuía-se o epíteto de *auctor* aos mestres de antanho já falecidos.<sup>3</sup> Ora, Alberto conquistou este título em vida, o que fazia com que as suas obras fossem lidas e comentadas nas escolas com ele ainda vivo,

---

<sup>1</sup> GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 628: “Entre as descobertas ligadas ao nome de Alberto Bollstädt (1206, ou 1207-1280), que seus contemporâneos chamavam Alberto de Colônia e que chamamos de Magno, a que teve maior alcance foi, sem dúvida, a distinção definitiva que soube introduzir entre a filosofia e a teologia.”

<sup>2</sup> *Idem. Ibidem.* p. 631: “Se a característica do pensamento moderno é a distinção entre o que é demonstrável e o que não é, foi de fato no século XIII que a filosofia moderna foi fundada, e é com Alberto Magno que, limitando a si mesma, ela toma consciência de seu valor e de seus direitos.”

<sup>3</sup> *Idem. Ibidem.* p. 627: “(...) e, enfim, o autor (*auctor*), cujo objetivo principal é expor suas próprias ideias, só apelando para as ideias alheias a fim de confirmar as suas (...).”

fato também sem par na época.<sup>4</sup> Roger Bacon, contemporâneo de Alberto e crítico mordaz da sua obra, reconhece, contudo, a sua autoridade sem par. Eis alguns testemunhos:

Pois assim como se citam Aristóteles, Avicena e Averróis nas suas escolas, assim também a ele (Alberto); ainda vive, e não obstante, goza de autoridade jamais atribuída a homem algum na ciência.<sup>5</sup>

Mas este (Alberto) escreveu seus livros “per modum authenticum”, e por isso todo o vulgo ignorante de Paris o cita, como cita Aristóteles, Avicena, Averróis e outros autores.<sup>6</sup>

Crê a multidão que eles (Alberto e Alexandre de Hales) tudo souberam, e venera-os como a outros anjos. Pois nas disputações e preleções são citados como autores. E notadamente aquele que ainda vive (Alberto) desfruta em Paris de fama de professor; chegam a citá-lo como Autor em trabalhos científicos (...).<sup>7</sup>

Com efeito, se o século XIII foi o período em que o medievo conheceu a mais nítida distinção entre filosofia e teologia<sup>8</sup>, importa dizer que esta empresa foi obra de dois gênios, ambos provindos da *Ordem Dominicana*: Alberto Magno e Tomás de Aquino.<sup>9</sup> Alberto preparou o terreno; o que ele plantou, Tomás colheu.<sup>10</sup> De fato, não fosse o labor científico incansável do *Doctor Universalis*, o Aquinate jamais teria conseguido dispor de fontes necessárias para elaborar a sua síntese insuperável.<sup>11</sup> De resto, no terreno das *ciências naturais*, Alberto excedeu de muito ao próprio Tomás: “(...) ela (a obra de Alberto) é mais confusa, mas também mais ampla e, cientificamente falando, mais rica que a de santo

<sup>4</sup> *Idem. Ibidem*: “Para os homens do século XIII, Alberto Magno é incontestavelmente um autor; por um privilégio reservado até então a alguns doutores ilustres já mortos, é citado como uma “autoridade” (*auctoritas=autor*) e suas obras são lidas e comentadas em público nas escolas, ainda em sua vida.”

<sup>5</sup> ROGER BACON. *Opus tertium*. ed. Brewer c. 9, p. 30. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7<sup>a</sup> ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 398.

<sup>6</sup> ROGER BACON. *Opus tertium*. ed. Brewer c. 9, p. 31. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7<sup>a</sup> ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 398.

<sup>7</sup> ROGER BACON. *Opus minus*. ed. Brewer. p. 327s. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7<sup>a</sup> ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 398.

<sup>8</sup> GILSON. *A Filosofia na Idade Média*. p. 624: “De fato, o século XIII é a época em que o pensamento cristão finalmente tomou consciência de suas implicações filosóficas mais profundas e conseguiu, pela primeira vez, formulá-las de maneira distinta.”

<sup>9</sup> *Idem. Ibidem*. p. 625: “A consumação dessa obra capital deve-se principalmente à colaboração de dois gênios extraordinários, ambos da Ordem de São Domingos: Alberto Magno e santo Tomás de Aquino.”

<sup>10</sup> *Idem. Ibidem*. “Porque é verdade que a obra de Alberto Magno preparou a de santo Tomás.”

<sup>11</sup> *Idem. Ibidem*: “Sem o formidável e fecundo labor de seu mestre (Alberto Magno), o lúcido ordenador (Tomás de Aquino) de idéias que foi o discípulo teria necessitado consagrar, por sua vez, a maior parte de seus esforços a procurá-las.” (Os parênteses são nossos).

Tomás”<sup>12</sup> Por seu espírito renovador, Alberto acreditava ter o dever de restabelecer os antigos *direitos da razão*. Porém, nesta indústria, sofreu também fortes resistências, inclusive dos seus confrades, aos quais também não deixou de responder com crueza. São inúmeros os testemunhos:

Há pessoas que, apesar de inteiramente ignorantes, combatem por todos os meios o estudo da filosofia, particularmente entre os Irmãos Pregadores, onde não há quem lhe oponha resistência; animais brutos que difamam o que não conhecem.<sup>13</sup>

Como em todos os livros sobre a Física, assim também aqui eu nada disse de próprio; antes, expus o mais fielmente possível as opiniões dos Peripatéticos. Declaro-o em atenção a certos indivíduos indolentes que, para se desculpar de sua preguiça, não procuram nos escritos dos outros senão o que possam repreender. E por serem uns tolos, devido à sua preguiça, tudo fazem por denegrir os eleitos, para não aparecerem isolados em sua estupidez. Foram indivíduos como estes que levaram Sócrates à morte, que afugentaram Platão de Atenas, forçando-o a refugiar-se na Academia, que perseguiram a Aristóteles e o constrangeram a emigrar, conforme o seu próprio testemunho: “Em Atenas sempre haverá caluniadores”.<sup>14</sup>

(...) Palavras que se aplicam exclusivamente àqueles indivíduos! Representam na comunidade do estudo o que a bília representa no corpo: em todo o corpo há um líquido chamado bília que, por seu movimento ascendente, torna amargo o corpo inteiro. Assim nos estudos sempre haverá alguns homens completamente amargos e biliosos que transformam todos os outros em amargura, pois são incapazes de buscar a verdade no doce convívio da comunidade.<sup>15</sup>

Passemos a considerar a distinção que Alberto realiza entre filosofia e teologia, estabelecendo, pois, as suas respectivas possibilidades e limites.

---

<sup>12</sup> *Idem. Ibidem.*

<sup>13</sup> ABLERTO MAGNO. In **Ep. B. Dion.** t. 14. p. 910. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa.** 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 397.

<sup>14</sup> ABLERTO MAGNO. In **Ep. B. Dion.** t. 8. pp. 803. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa.** 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 397.

<sup>15</sup> ABLERTO MAGNO. In **Ep. B. Dion.** t. 8. pp. 803. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa.** 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 397.

## 2. Os limites da razão: a distinção entre filosofia e teologia

Quando Alberto reivindica o direito à especulação filosófica, nada mais faz do que acompanhar muitos dos seus predecessores. Contudo, até Alberto, não se havia estabelecido ainda uma fronteira rígida entre fé e razão, suas possibilidades e seus limites.<sup>16</sup> De fato, tentando fazer o acordo entre filosofia e teologia, os mestres de outrora acabaram subsumindo uma na outra. Erígena, Anselmo e Abelardo, de tão dialéticos, acabaram por transpor quaisquer fronteiras entre filosofia e teologia. *Crer para compreender*, era o lema que lhes era comum. Entretanto, tudo se passava como se o que fosse crido, pudesse, sem restrições, ser compreendido.<sup>17</sup> Destarte, ora a filosofia absorvia a teologia, tentando aplicar nela as suas regras de demonstração – era o resultado da pretensão dos mais dialéticos –, ora a teologia absorvia a filosofia, e isto de duas formas: com os dialéticos, porque, desde então, a filosofia não tinha outra função senão tentar entender o dogma; com os antidialéticos, que em reação ao exagero dos dialéticos, propugnavam uma renúncia quase completa à especulação filosófica. Exemplo eloquente do excesso dos dialéticos foi o fato de não poucos doutores da época tentarem demonstrar racionalmente o dogma da Trindade.<sup>18</sup> Ora, semelhante confiança ilimitada na razão só a aniquilava.

Agora bem, com Alberto, chega um momento que marcará toda a história da filosofia, a saber, o de demarcar, de forma nítida, a competência das duas ciências: filosofia e teologia.<sup>19</sup> Alberto restringe a capacidade da filosofia, mas não para retê-la e sim para dar-lhe a conhecer a sua verdadeira competência, inclusive no âmbito teológico.<sup>20</sup> De certa forma esta distinção entre filosofia e teologia redundará, pois, numa total separação entre ambas nos tempos modernos, separação que Alberto não previa: “A Idade Média vai, pois, se

---

<sup>16</sup> GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 630: “Não só Alberto Magno reivindica o direito à especulação filosófica, assim como outros sábios já haviam feito, como também situa essa especulação num terreno muito mais firme do que seus predecessores haviam feito, delimitando-o em relação ao da religião.”

<sup>17</sup> *Idem. Ibidem*: “Em João Escoto Erígena, em santo Anselmo e no próprio Abelardo, o raciocínio dialético por certo não estava ausente; *vimos inclusive que ele tendia a invadir tudo*. Crer para compreender era o lema, mas tudo ocorria, no final das contas, como se se tivesse podido compreender tudo aquilo em que se cria.”

<sup>18</sup> *Idem. Ibidem*: “Um exemplo típico disso poderia ser encontrado na história do dogma da Trindade. Sem fazer dele uma verdade filosófica, santo Anselmo, Abelardo e Ricardo de São Vitor no-lo apresentam como uma exigência profunda da razão humana.”

<sup>19</sup> *Idem. Ibidem*: “E é por isso que o momento a que chegamos pode ser considerado decisivo, não só na história da filosofia medieval, mas também na do pensamento ocidental.”

<sup>20</sup> *Idem. Ibidem*: “A partir de Alberto Magno, vamos assistir a uma restrição progressiva das exegeses teológicas impostas à razão e, inversamente, das responsabilidades filosóficas à teologia.”

encaminhar progressivamente para uma separação cada vez mais completa entre os dois domínios (o da filosofia e o da teologia) (...)”<sup>21</sup>.

Passemos à análise do duplo conhecimento da realidade, que Alberto concebe no bojo da sua distinção entre filosofia e teologia.

### 3. O duplo conhecimento da realidade

Delimitadas, pois, as duas ordens do conhecimento, a realidade passa a comportar um *duplo conhecimento do real*: um, conforme a coisa em si (*res in se*), e é à filosofia que compete tal inquirição; outro trata da coisa enquanto relacionada à beatitude eterna (*res ut beatificabilis*), seja como sinal ou meio para ela, e é à teologia que cuida fazer tal inquirição.<sup>22</sup> De fato, o conhecimento, no caso da filosofia, cai sobre a coisa em si (*res in se*) e sobre as suas causas próximas, que é a natureza ou somos nós. Já o conhecimento teológico, recai sobre a ideia eterna da coisa, enquanto esta (*i.é*, a coisa) existe em Deus, sua causa primeira, como ideia.<sup>23</sup> As provas de ordem filosófica procedem de axiomas procedentes da razão; as provas no âmbito teológico provêm da fé. Quanto à primeira ordem do conhecimento da realidade, a saber, a filosófica, trata-se do trabalho da *ratio inferior*, enquanto a segunda é obra da *ratio superior*.<sup>24</sup> De fato, o conhecimento de *ordem filosófica* é o que chamamos de *ratio inferior* e o seu fruto é a *ciência*. Já o *conhecimento teológico*, chamamo-lo de *ratio superior* e o seu fruto é a *sabedoria*.<sup>25</sup> Quando se refere ao conhecimento da sabedoria, isto é, ao da *ratio superior*, Alberto o reserva aos teólogos, pois tal conhecimento só nos é acessível à luz da fé na Revelação.<sup>26</sup> Mas cedamos a Alberto, a síntese pela qual distingue, de forma assaz consciente, as demais ciências, inclusive a filosofia, da teologia:

---

<sup>21</sup> *Idem. Ibidem.* pp. 630-631. (O parêntese é nosso).

<sup>22</sup> REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991. p. 547: “Apenas para exemplificar a distinção entre filosofia e teologia, basta constatar que *o conhecimento da realidade não é único, mas duplo*, conforme consideremos a *res in se*, quando é objeto da *filosofia*, ou a *res ut beatificabilis*, quando é objeto da *teologia*.”

<sup>23</sup> *Idem. Op. Cit.* p. 549: “Assim o conhecimento pode recair imediatamente sobre a coisa ou sobre a idéia eterna a que ela se refere.”

<sup>24</sup> *Ibidem. Op. Cit.*: “(...) a primeira é obra da *ratio inferior*, a segunda da *ratio superior*.”

<sup>25</sup> *Idem. Op. Cit.* p. 550: “(...) a ‘sabedoria’ que se funda na *ratio superior* iluminada pela fé, e a ‘ciência’, que considera as coisas circunscritas em si, segundo suas causas imediatas.”

<sup>26</sup> *Idem. Op. Cit.* p. 549. “Tal empresa (*ratio superior*) só lhes foi possível (*aos teólogos*) porque eles foram iluminados pela Revelação, que, como novo sol, despertou problemas antes desconhecidos.” (Os parênteses são nossos).

É mister admitir que esta ciência (a Teologia) se distingue das outras pelo objeto, por aquilo que se examina neste objeto e pelos princípios que lhe regem a argumentação. *Pelo objeto*: Nas demais ciências o objeto é o ser ou uma parte do ser produzido quer pela natureza, quer por nós, como diz Avicena no começo de sua Metafísica. O objeto da Teologia, ao contrário, é a beatitude ou aquilo que lhe diz relação como sinal ou meio. *Pelo que se examina*: a teologia versa sobre as propriedades divinas ou algo ordenado a elas, ao passo que as outras ciências tratam das características essenciais dos seres produzidos por nós ou pela natureza. *Pelos princípios*: pois nesta ciência as provas se fazem pela fé (...) como princípio; ao passo que nas demais ciências as demonstrações se fazem a partir de um princípio que é um axioma ou uma proposição suprema.<sup>27</sup>

Passemos a analisar o duplo conhecimento no que concerne a Deus, que Alberto defende no âmbito da sua distinção entre fé e razão.

#### 4. O conhecimento filosófico e o conhecimento teológico de Deus

Desta sorte, podemos distinguir um conhecimento filosófico e outro teológico concernente ao próprio Deus.<sup>28</sup> O conhecimento filosófico utiliza-se somente da razão; já o conhecimento da fé transcende os domínios da razão.<sup>29</sup> O conhecimento filosófico pode se valer somente daqueles princípios que a razão lhe fornece, sua luz é puramente natural; já a teologia pode recorrer também a princípios que excedem os princípios naturais da razão e que nos são acessíveis somente mediante a revelação; tais princípios nos são infusos por certa luz sobrenatural, a luz da fé (*lumen fidei*).<sup>30</sup> Além disso, a filosofia parte das coisas criadas e a teologia se fundamenta no Deus que revela.<sup>31</sup> A razão não nos fala de Deus em si mesmo, mas somente a partir das coisas criadas; a fé, dentro de certos limites, por partir do que o próprio

---

<sup>27</sup> ALBERTO MAGNO. *Summa Theologica*. I, tr. 1, q. 1; t. 31. p. 20 b. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. *História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa*. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 397.

<sup>28</sup> REALE, ANTISERI. *Op. Cit* p. 547. “Para Alberto, são pelo menos cinco as diferenças entre o conhecimento filosófico de Deus e o seu conhecimento teológico.”

<sup>29</sup> *Idem. Op. Cit*: “A primeira é que, no conhecimento filosófico, se utiliza somente a razão, ao passo que, com a fé, se vai além da razão (...).”

<sup>30</sup> *Idem. Op. Cit*: “(...) a filosofia parte de premissas que devem ser conhecidas por si mesmas, ou seja, imediatamente evidentes, ao passo que na fé há um *lumen infusum* que reflui sobre a razão, abrindo-lhe perspectivas que, de outro modo, seriam impensáveis (...)”.

<sup>31</sup> *Idem. Op. Cit*: “(...) a filosofia parte da experiência das coisas criadas, enquanto a fé parte do Deus revelante (...)”.

Deus nos revela, pode nos desvendar algo mais positivo acerca da essência divina.<sup>32</sup> A filosofia é um conhecimento puramente teórico, já a fé comporta dados afetivos e não somente racionais, pelo que envolve um relacionamento de amor entre o homem e Deus.<sup>33</sup>

Dadas estas razões, deve-se dizer que filosofia e teologia não se reduzem uma à outra quanto aos seus princípios. A filosofia parte unicamente da razão; a teologia, da revelação. Não que a teologia não seja racional, mas não se fundamenta na razão natural; baseia-se, antes, na revelação e na inspiração. Já a filosofia não se baseia na revelação ou na inspiração, mas fundamenta-se tão-somente na razão. Importa acrescer que, eventualmente, a filosofia pode tratar de certos assuntos que sejam também teológicos, mas quando isso acontece não os trata do mesmo modo. Além do mais, cumpre ressaltar que existe uma vasta gama de assuntos que, enquanto tais, não pertencem de maneira alguma à alçada da filosofia. Por exemplo, não se podem conhecer a *Trindade*, a *Encarnação* e a *Ressurreição*, tomando por base apenas os princípios naturais da razão.<sup>34</sup>

Passemos à consideração de como a inédita de distinção de Alberto entre filosofia e teologia repercute no que toca às autoridades de ambos os domínios.

### 5. As autoridades face à nova distinção entre fé e razão

A razão tem um tão vasto campo de investigação que não necessita se desviar dele.<sup>35</sup> Como consequência desta distinção das competências entre os dois domínios (fé e razão), discerne-se também o peso das autoridades. Sem embargo, tanto a filosofia quanto a teologia têm as suas próprias autoridades. Por exemplo, tratando-se de questões de fé, deve-se preferir Agostinho a Hipócrates ou a Aristóteles. Contudo, se o assunto é medicina, seja dada a preferência a Hipócrates. Por fim, se se fala de *física*, o referencial deve ser Aristóteles.<sup>36</sup>

---

<sup>32</sup> *Idem. Op. Cit.*: “(...) a razão não diz o que Deus é (quid sit), mas a fé o diz, dentro de certos limites (...)”.

<sup>33</sup> *Idem. Op. Cit.*: “(...) a filosofia é procedimento puramente teórico, ao passo que a fé comporta processo intelectual-afetivo, porque envolve a existência do homem no amor de Deus.”

<sup>34</sup> *Idem. Op. Cit.* p. 549: “E as coisas teológicas não se conjugam com as coisas filosóficas em seus princípios devido ao fato de que a ‘teologia se baseia na revelação e na inspiração, não na razão’ O filósofo diz tudo o que pode ser dito ‘com base no raciocínio’. E, com certeza, ‘não se pode ter qualquer conhecimento da Trindade, da Encarnação e da Ressurreição a partir de uma perspectiva puramente natural.’”

<sup>35</sup> GILSON. **A Filosofia na Idade Média**: “O domínio da natureza é vasto o bastante para que não haja por que comprometer a razão tentando fazê-la sair dele.”

<sup>36</sup> ALBERTO MAGNO. **II Sent.** D 13, a 2. In: DE BONI, Luis Alberto. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPURS, 2000. p. 179: “Tome-se pois por princípio que, em questões de fé e de bons costumes,



Espírito profundamente científico, a Alberto era vedado agarrar-se às autoridades humanas como se elas fossem infalíveis. Sabia muito bem distinguir entre a autoridade infalível de Deus e a autoridade falível dos homens. Neste sentido, ele próprio diz: “(...) A uma tal pessoa respondemos que quem acredita que Aristóteles foi um Deus, deve também crer que ele nunca errou. Se, porém, acredita que ele foi um homem, então sabe sem dúvida que ele podia errar tanto quanto nós”<sup>37</sup>. Gilson, aferindo o pensamento de Alberto nesta área, assevera: “De homem a homem, a última palavra devia ficar necessariamente com a razão”<sup>38</sup>. Enfim, para Alberto, em ciências naturais, acima do próprio Aristóteles, está a experiência sensível muitas vezes repetidas: “A experiência, através de repetidas observações, é a melhor mestra no estudo da natureza”<sup>39</sup>.

Aberto afastou-se decididamente do costume de seu tempo que era aceitar, passivamente, um *argumento de autoridade*. Dizia ele, convicto: “Aceitamos dos antigos aquilo que eles afirmaram corretamente”<sup>40</sup>. Na sua concepção, a ciência natural deveria ser pautada pela experiência: “Compete à ciência natural não aceitar simplesmente o que foi narrado. Cabe-lhe, muito mais, a serviço da filosofia natural, buscar as causas das coisas naturais”<sup>41</sup>. E ainda: “Só a experiência leva à certeza no estudo da natureza (...)”<sup>42</sup>.

Na verdade, foi por esta invicta liberdade frente às autoridades, mesmo às mais altas, que Alberto, por um privilégio sem par em sua época, deixou de ser chamado apenas de simples compilador (*compilator*) ou comentador (*commentator*), para ser considerado um verdadeiro autor (*auctor*), isto é, ele próprio uma autoridade (*auctoritas*). E ser uma autoridade, significava ser original, ou seja, ter as suas próprias ideias e só recorrer às outras na medida em que estas confirmassem o seu pensamento.<sup>43</sup> Passemos às considerações finais deste artigo.

Agostinho deve ser preferido aos filósofos, caso haja idéias diferentes entre eles. Mas, em se tratando de medicina, tenho mais confiança em Galeno ou Hipócrates que em Agostinho; e se falar sobre ciências naturais, tomo em maior consideração a Aristóteles ou a outro especialista no assunto.”

<sup>37</sup> ALBERTO MAGNO. *Física* 8, tr. 1, c. 14. In: DE BONI, Luis Alberto. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPURS, 2000. p. 180.

<sup>38</sup> GILSON. *Op. Cit.* p. 632.

<sup>39</sup> ALBERTO MAGNO. *Sobre os Animais*. 1, c. 19. In: DE BONI, Luis Alberto. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPURS, 2000. p. 178.

<sup>40</sup> ALBERTO MAGNO. *Livro das Causas*. 1, tr. 1, c. 1. In: DE BONI, Luis Alberto. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPURS, 2000. p. 178.

<sup>41</sup> ALBERTO MAGNO. *Sobre os Minerais*. 2, tr. 2, c. 1. In: DE BONI, Luis Alberto. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPURS, 2000. p. 178.

<sup>42</sup> ALBERTO MAGNO. *Sobre os Vegetais*. n. 1. In: DE BONI, Luis Alberto. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPURS, 2000. p. 178.

<sup>43</sup> GILSON. *Op. Cit.* p. 627: “Com efeito, na Idade Média distinguia-se entre o escriba (*scriptor*), que só é capaz de copiar as obras de outrem sem nada modificar; o compilador (*compilator*), que acrescenta ao que copia, mas sem que seja coisa sua; o comentador (*commentator*), que põe coisa sua no que escreve, mas só acrescenta ao texto

## *Conclusão*

Etienne Gilson destaca que, com Alberto, sobretudo por suas contribuições nas questões entre fé e razão, inicia-se uma nova fase do pensamento cristão ocidental. Segundo Gilson, com ele, a filosofia recua de muitas questões, posto que, descobrindo seu terreno, começa a tornar-se consciente dos seus próprios limites no âmbito da fé. A teologia, por sua vez, também cede as questões que só à filosofia dizem respeito e começa a debruçar-se sobre outras que competem somente a ela. As autoridades são distinguidas e relativizadas; a experiência sensível, em ciência natural, valorizada. Ora, com estas fronteiras bem demarcadas, a eficácia e a competência das duas ordens distintas do conhecimento – filosofia e teologia – amadurecem sobremaneira. Se a filosofia moderna se destaca por sua aptidão em distinguir o que é demonstrável do que não é, podemos dizer – como acentua Gilson –, que ela foi fundada no século XIII por Alberto Magno. Foi Alberto quem disse: “A Teologia deve se manter casta dentro dos limites da fé, a fim de não fornicar através de fantasias”<sup>44</sup>.

---

o necessário para torná-lo inteligível; e, enfim, o autor (auctor), cujo objetivo principal é expor suas próprias idéias, só apelando para as idéias alheias a fim de confirmar as suas (...). Para os homens do século XIII, Alberto Magno é incontestavelmente um autor; por um privilégio reservado até então a alguns doutores ilustres e já mortos, e citado como uma ‘autoridade’ (auctoritas=autor) e suas obras eram lidas e comentadas em público nas escolas, ainda em sua vida.”

<sup>44</sup> ALBERTO MAGNO. **Sobre Lucas**. 1, 5. In: DE BONI, Luis Alberto. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPURS, 2000. p. 180.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALBERTO MAGNO. **Física**. In: DE BONI, Luis Alberto. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPURS, 2000.

\_\_\_\_\_. **In Ep. B. Dion**. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7<sup>a</sup> ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000.

\_\_\_\_\_. **Livro das Causas**. In: DE BONI, Luis Alberto. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPURS, 2000.

\_\_\_\_\_. **Sobre os Animais**. In: DE BONI, Luis Alberto. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPURS, 2000.

\_\_\_\_\_. **Sobre Lucas**. In: DE BONI, Luis Alberto. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPURS, 2000.

\_\_\_\_\_. **Sobre os Minerais**. In: DE BONI, Luis Alberto. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPURS, 2000.

\_\_\_\_\_. **Summa Theologica**. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7<sup>a</sup> ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000.

\_\_\_\_\_. **Sobre os Vegetais**. In: DE BONI, Luis Alberto. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPURS, 2000.

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. pp. 624 a 641.

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5<sup>a</sup> ed. São Paulo: Paulus, 1991. pp. 546 a 552.

ROGER BACON. **Opus minus**. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7<sup>a</sup> ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000.

\_\_\_\_\_. **Opus tertium**: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7<sup>a</sup> ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.